



O USO DE ANIMAIS EM ATRAÇÕES TURÍSTICAS: UM ESTUDO NO JARDIM ZOOBOTÂNICO DE BELO HORIZONTE, MG.

**THE USE OF ANIMALS IN TOURIST ATTRACTIONS: A STUDY IN THE
ZOOBOTANICAL GARDEN OF BELO HORIZONTE, MG.**

ALISSANDRA NAZARETH DE CARVALHOⁱ
ANA CAROLINA MARCHETTE MARINHOⁱⁱ

Palavras-chave

Turismo.
Animais.
Zoológicos.
Zoológico de
Belo Horizonte.
Atrações
Turísticas.

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo geral compreender a utilização de animais para fins turísticos, discutindo e apresentando como essa utilização ocorre, por meio da percepção de visitantes e turistas do Zoológico de Belo Horizonte. Partiu-se da premissa de que o homem nunca esteve sozinho na terra, tendo aprendido a conviver com outras espécies e se relacionando com animais por meio da caça ou da domesticação dos mesmos. A partir da base teórica, foi possível identificar que os animais passaram a ser usados como entretenimento para atrair o público, justificando, portanto, a relevância de se investigar esse fenômeno para melhor compreendê-lo. Para tanto, o estudo teve um caráter de pesquisa exploratória, bibliográfica e quantitativa, tendo como objeto de estudo o Zoológico de Belo Horizonte, pelo entendimento de que os Zoos representam equipamentos emblemáticos no que tange a discussão da relação do animal enquanto atrativo turístico. No tocante ao referido equipamento, identificou-se que o zoológico é visto pelos respondentes como um local educacional passível de aprender durante a visita, todavia, é necessário que sejam reestruturadas algumas estruturas, readequando a quantidade de animais por habitat, aumentando espaços e melhorando a condição dos mesmos. Gestores e profissionais podem atuar em ações que auxiliem no incremento da estrutura, buscando mais conforto a turistas e visitantes durante seu momento de lazer, aliadas à melhora na qualidade de vida dos animais.

ISSN
2594-8407

Revisado por
pares

Submetido em
01/12/2020
Aprovado em
11/02/2021



Keywords

Tourism.
Animals.
Zoos.
Belo Horizonte
Zoo.
Tourist
Attractions.

Abstract

The present work had as general objective to understand the use of animals for tourism purposes, discussing and presenting how this use occurs, through the perception of visitors and tourists of the Belo Horizonte Zoo. It started from the premise that man was never alone on earth, having learned to live with other species and to relate to animals through hunting or domesticating them. From the theoretical basis, it was possible to identify that animals started to be used as entertainment to attract the public, justifying, therefore, the relevance of investigating this phenomenon to better understand it. For this purpose, the study had an exploratory, bibliographic and quantitative character, having as its object of study the Belo Horizonte Zoo, due to the understanding that Zoos represent emblematic equipment regarding the discussion of the relationship of the animal as a tourist attraction. With regard to the referred equipment, it was identified that the zoo is seen by the respondents as an educational place that can be learned during the visit, however, it is necessary that some structures are restructured, readjusting the amount of animals per habitat, increasing spaces and improving the condition. Managers and professionals can act in actions that help to increase the structure, seeking more comfort for tourists and visitors during their leisure time, together with the improvement in the quality of life of the animals.

INTRODUÇÃO

O uso de animais pelo homem ocorre desde o início da civilização, já que este nunca esteve sozinho na terra e sempre houve outras espécies de vida dividindo e compartilhando espaços. A princípio o homem sempre se utilizou da fauna e da flora como formas de alimentos, seja como caça ou em plantações. A partir do processo evolutivo da espécie humana, segundo Martins (2012, p.10), “os Homo Sapiens logo descobriram as inúmeras vantagens de utilizar os animais para outras finalidades além de servirem como caça”. Eles descobriram que os animais podiam ser utilizados como força de carga, vestuário, alimento e até mesmo mascotes, e isso dependia de como o cotidiano se desenvolvia.

É possível ver em filmesⁱⁱⁱ (“Marley e Eu”, 2008, “Sempre ao seu lado”, 2009), seriados (“Game Of Thrones”, 2011, principalmente em cenas de guerras com as montarias tendo cavalos^{iv}), novelas (Cabra Ariana em “Flor do Caribe”, 2013^v) e até documentários^{vi} (“Virunga”, 2015) a presença dos animais na vida do homem. Em muitas sociedades, eles deixam de serem animais de carga ou alimento e passam a ser venerados como deuses ou como sinônimo de riqueza.



No Egito antigo é possível perceber essa forma de veneração quando tratamos de olhar a representação que alguns deuses possuíam na mitologia egípcia, como por exemplo, a Deusa Bastet no formato de um felino. Nesse caso e em vários outros, é possível observar através da utilização das imagens de animais, que os mesmos deixavam de ser apenas alimento e passavam a ter outro significado, mais religioso e mais místico para os humanos^{vii}.

Com o passar dos séculos, a interação entre homem e animais foi modificada, o que contribuiu para a forma que vivemos atualmente. Foi possível visualizar que nas idades romanas, média e em tempos atuais, observa-se um processo de domesticação de animais selvagens, como cavalos, camelos, elefantes, búfalos, bois, entre outros. Historicamente, esses processos de domesticação levaram principalmente a utilizá-los como transporte, alimento e utilização de couro e peles na fabricação de roupas^{viii}.

Segundo Chalfun (2008), diversos animais foram utilizados como parte de muitos espetáculos. Chalfun (2008) ainda retrata que eram realizadas expedições para sua captura e que frequentemente os mesmos eram aprisionados e transportados em porões de navios de forma precária e que devido esse fator, muitos não sobreviviam aos cativeiros e aos maus tratos que sofriam.

Franco (2011) afirma que o Homo Sapiens é considerado o ser vivo com aptidões mentais mais desenvolvidas, porém ao tratar os animais, não prezam pelas necessidades que os mesmos possuem, como água, comida, abrigo e o desejo de não sentir dor. Sendo assim, privar os animais de alguma dessas necessidades é não valorizar o seu bem estar.

É possível ver diversas ONGs (Organizações Não Governamentais) que procuram proteger os animais de diversos tipos de maus tratos, e por ser um tema muito falado, é possível assistir na mídia notícias e relatos de pessoas que os salvaram de tais situações. Um dos casos, por exemplo, é o do Instituto Luisa Mell^{ix}, o qual tem a principal missão de resgatar animais feridos ou em situação de risco e trata-los para que possam ser adotados ou voltarem para natureza, em se tratando de espécies exóticas.

É comum se deparar com o discurso de proteger os animais domésticos, cães e gatos, porém, outros acabam passando despercebidos e não são alvos da proteção em geral. É possível ter contato com algumas dessas espécies em zoológicos, aquários, circos, entre outros locais que acabam se tornando destinações ou atrativos turísticos. É a partir dessa exposição que surge o desejo do ser humano de conhecê-los e dessa forma, realizar viagens para visitar locais para se ter esse contato. O *Cooperative Research Centre (CRC)* (CRC, 2004 como citado em Brumatti, 2013, p. 72) descreve: “O turismo de vida selvagem representa as



atividades baseadas na interação entre visitantes e animais não domesticados em seu habitat natural ou em cativeiro, atraídos pelos mais diversos interesses, contemplativos, mercadológicos ou de pesquisa”.

É possível identificar esse interesse como nos casos do Zoológico de San Luján em Buenos Aires^x, Argentina, conhecido por permitir que os turistas tirem fotos com leões e tigres. Outro exemplo são os parques aquáticos do SeaWorld em Orlando, Florida, conhecidos mundialmente pela exibição de shows com baleias orcas e outros animais marinhos^{xi}.

Aquários, zoológicos, circos e outros atrativos, são lugares que despertam a atenção do turista, sendo que por meio da visita, acontece a satisfação do desejo de conhecer o novo (Brito, 2000). O intuito do ser humano de conhecer espécies diferentes faz com o que o mesmo se desloque do seu lugar de origem para identificar novos tipos de animais, surgindo assim as motivações de explorar atrações turísticas que apresentem condições de satisfazer essa curiosidade, fora do seu cotidiano.

Em uma breve pesquisa na plataforma virtual “Google”, procurando por “turismo e animais” é possível encontrar diversas notícias que relatam algumas formas de usos destes para finalidade turística e para entretenimento do público, aproximadamente cerca de 210.000.000 (duzentos e dez milhões) de resultados até o ano de 2018.

A partir dessa motivação de pesquisa surgiram os seguintes questionamentos: Até onde o turismo pode realizar as atividades com animais para fins de entretenimento de forma a garantir o bem estar dessas espécies? Como se dá a atuação e qual o papel dos Zoológicos nesse contexto? Entre outros questionamentos.

Para isso, esse trabalho teve o objetivo de abordar os tipos de uso de animais em atrativos turísticos e como esses usos ocorrem no Zoológico de Belo Horizonte. Como objetivos específicos buscou-se abordar as atividades que envolvem usos de animais na atividade turística e analisar como ocorre a funcionalidade do Jardim Zoológico de Belo Horizonte, no âmbito da interação e visita.

O interesse para a realização dessa investigação surgiu durante uma visita técnica da disciplina de “Agenciamento e Elaboração de Roteiros Turísticos”, do curso de turismo da Universidade Federal de Ouro Preto, para a cidade de Búzios, Rio de Janeiro. Foi durante essa visita que ocorreu o contato das pesquisadoras a um modelo de casa ecologicamente correta, onde havia pôsteres e informes sobre animais da flora do Brasil em extinção. A partir dessa exposição, surgiu a dúvida a respeito de como estes são utilizados em destinos turísticos ou atrações turísticas para que turistas e visitantes possam interagir, assistir apresentações e outras atividades, e o quanto essa utilização pode ocorrer sem prejudicar a fauna.



Ademais, o tema se faz pertinente uma vez que reforça o posicionamento da sociedade de ser cada vez menos tolerante com o maltrato de animais, segundo discute Mayer, Haikal e Lenziardi (2020). Tanto a indústria do entretenimento quanto as indústrias alimentícia e cosmética se deparam cada vez mais com pessoas que se voltam contra as práticas de exploração animal e contra o fato desses seres serem vistos apenas como recursos para a utilização humana. De acordo com Tuglio (2006) e Oliveira (2007), canais de influência e pensadores de diversas áreas têm se empenhado em conscientizar as pessoas a respeito do sofrimento dos animais envolvidos nas indústrias.

Ainda, ressalta-se como justificativa ao estudo o fato de haver pouca produção acadêmica a respeito dessa temática, instigando mais ainda a curiosidade das pesquisadoras em se discutir sobre o assunto.

Como objeto de pesquisa, optou-se por estudar o Jardim Zoológico de Belo Horizonte, MG^{xii}, por ser tratar de um local acessível à observação e coleta inserido na metrópole e pelo fato de se tratar de um atrativo localizado em uma capital da região sudeste do Brasil, cujo fluxo de visitantes é significativo. A escolha também se deu pelo fato de as pesquisadoras já terem visitado o local na infância e através desse trabalho, terem identificado uma oportunidade para retornar ao local com outros e novos olhares. Neste sentido, o estudo almejou encontrar como resultado distintos tipos de utilização de animais, bem como discutir maneiras para gestores exercerem sua função de forma ética, inovadora e equilibrada.

METODOLOGIA

O presente trabalho buscou ser uma pesquisa exploratória, com intuito de alcançar maior familiaridade com o objeto de análise. Ocorreu em duas etapas: a primeira caracterizada como pesquisa bibliográfica e a segunda caracterizada como uma pesquisa quantitativa no Zoológico de Belo Horizonte.

Com o intuito de alcançar o objetivo de identificar quais são os tipos de usos de animais na atividade turística, foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Foram utilizados referenciais de pesquisadores da temática, tais quais como Brito (2000), Brumatti (2013), Chalfun (2008), Chehin (2015), Franco (2011), Garcia e Marandino (2008), Jamieson (2008), Martins (2012), Sanders e Feijó (2007) e visitas a sites institucionais, tais como a Agência de Notícias dos Direitos Animais (ANDA)^{xiii}.

Para alcançar o objetivo de analisar como ocorre a funcionalidade do Jardim Zoológico de Belo Horizonte, no âmbito da atração turística, foi realizada uma visita ao local no dia 12 de outubro de 2018 (feriado nacional) e aplicados questionários aos turistas e visitantes, contendo perguntas tais como: “Quantas vezes



“você já visitou o zoológico?”, “Qual foi o local que mais lhe chamou a atenção positivamente e negativamente?”, entre outras.

Baseado no estudo de Chehin (2015), foi realizado um questionário fechado e estruturado, que buscou entender qual a percepção dos respondentes quanto à estrutura do zoológico para o passeio e quanto aos cuidados com os animais. Tal questionário foi aplicado também no formato *on-line*, do dia 10 de outubro até dia 15 de outubro de 2018, através da ferramenta “*google forms*”, para pessoas que já visitaram o zoológico. Essas pessoas foram contatadas pelas pesquisadoras a partir das avaliações e comentários dos turistas e visitantes no site “*tripadvisor*” e em avaliações na rede social “*facebook*” da Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica de BH.

USO DE ANIMAIS EM ENTRETENIMENTOS TURISTICOS

Quando se trata do uso dos animais, foi possível identificar essa ação desde o início da humanidade. Chalfun (2008) nos dá um exemplo de que nos espetáculos circenses da época das Olimpíadas Gregas não existia apresentações com animais, e sim espetáculos voltados para atividades realizadas pelo homem, como malabarismo e atividades de agilidade. Contudo, essas atividades foram desvirtuadas pela barbárie e pela violência humana e assim passaram a subjuga-los para serem símbolos de ostentação e jogos violentas. Chalfun (2008) ainda nos cita o exemplo da Roma Antiga, das lutas de gladiadores no Coliseu. Além de ser um momento onde batalhavam até a morte com escravos, prisioneiros e homens bárbaros, combatiam com feras selvagens, oferecendo combates sangüinários, de diversão e lazer.

A World Animal Protection^{xiv} possui uma cartilha chamada “*Check-out da crueldade: Como acabar com os horrores do turismo com animais silvestres nas férias*”, a qual explica que o ideal seria um mundo onde eles pudessem viver no habitat ao qual pertencem. Porém, uma das maiores barreiras para a vida na natureza é a atividade turística, pois boa parte dessa indústria é movida pela demanda do turismo de vida silvestre e, há os que desconhecem os abusos que ocorrem com os animais em atrações turísticas.

A ANDA(2018) disponibilizou em seu *site* uma cartilha intitulada “Por um turismo responsável” onde são abordados alguns usos de animais, sendo estes divididos em seis categorias: interação, espetáculos, tradição, observação, *souvenires* e cativeiro.

Caracterizam-se como interação, todas as atividades que envolvem o contato direto com os animais, onde o ser humano possa tocar, tirar fotos ou até montar ou usá-los como transporte.



Já em espetáculos que se utilizam de animais, os mesmos agem contra seus instintos naturais selvagens, atuando assim de forma encenada, tais como em circos, shows em aquários, apresentações de serpentes, corridas, entre outros, tal como descrito pela ANDA (2018).

Em virtude de a relação entre homem-animal datar de longa data, há algumas atividades ou apresentações que são consideradas tradicionais, tendo por essa razão grande preferência do público. Ocorre, portanto, o conflito de interesse entre defensores dos animais e aqueles que desejam que as atrações continuem acontecendo. Ou seja, enquanto uns lutam pela extinção dessas atividades, independentemente de serem tradicionais, outros apoiam sua continuidade, por fazerem parte da história do local.

O turismo de observação para Brumatti (2013), representa um segmento turístico que privilegia a vida selvagem e seu local de ocorrência, principalmente, a contemplação dos animais no seu habitat natural. É tratado como uma forma de satisfazer o desejo do turista de estar em contato com a natureza, além de incentivar o ponto de vista ecológico, evitando impactos negativos à fauna (Brumatti, 2008). Dias (2011) afirma que a observação de espécies pode ser considerada uma das atividades mais sustentáveis entre todas as outras do ecoturismo, pois fortalece o aumento da consciência ambiental e fomenta também o sentimento de pertencimento, contribuindo assim para a forma de preservação da natureza.

Os *Souvenires* ou comumente chamados “lembrancinhas” são aqueles presentes que os turistas levam para a casa após visitarem um local, a título de recordação. Segundo a ANDA (2018), em muitas localidades é comum a oferta de *souvenires* exóticos, feitos com partes de animais ou mesmo animais vivos. O termo cativeiro é utilizado para nomear um lugar que mantém animais reclusos. Os locais mais comuns de cativeiros são aquários e zoológicos, onde milhares deles são exibidos em condições artificiais por todo o mundo. Para Dias,

só se justifica manter animais selvagens em cativeiro em nome da conservação das espécies e, em última instância, pela preservação da biodiversidade e do patrimônio natural. Tais objetivos maiores conquistam-se através da educação ambiental, da conscientização conservacionista e do acúmulo contínuo de novos conhecimentos. Para este fim, o desenvolvimento de pesquisas científicas em zoológicos é uma ferramenta primordial (2003, p.127).

No mundo todo existem aproximadamente cerca de 30 mil zoológicos, segundo a ANDA (2018), onde esses possuem somados, milhões de animais selvagens cativeiro e em exibição. Atualmente os zoológicos deixaram de ser somente jaulas de apreciação e contemplação e começaram a ganhar outros significados. Sanders e Feijó (2007, p. 2) citam que antigamente “os recintos e as jaulas eram construídos para



proporcionar aos visitantes e turistas o melhor ângulo de visão e não para dar boas condições de vida aos animais”.

Observa-se que o bem-estar do animal passou a ser considerado e os autores ainda mencionam alguns objetivos que os zoológicos possuem hoje em dia, como a conservação de espécies; o desenvolvimento e aperfeiçoamento profissional; a pesquisa científica; a educação ambiental; e o lazer dos seres humanos, utilizando os animais para entretenimento e possibilitando ao público apreciar espécies exóticas. Ou seja, à medida que o conhecimento científico acerca da manutenção destes em cativeiro vem sendo ampliado, os zoológicos mostram mudanças em suas concepções meramente exibicionistas. Ainda que os Jardins Zoológicos mostrem ser locais voltados para recreação e lazer, essas práticas não são as únicas orientações dessas instituições, dada à grande capacidade desses espaços para conservação, pesquisas e práticas educacionais (Brito, 2012).

Dentro desse contexto encontra-se o Jardim Zoológico de Belo Horizonte, MG, objeto de estudo do presente trabalho. Após ser inaugurado, o referido equipamento foi recebendo melhorias aos poucos, uma vez que em seu início, era sustentado por doações de voluntários. Logo depois, nas décadas de 1970 e 1980 foi construída a Portaria da Pampulha e iniciou-se a recuperação das áreas verdes. Nessa época, o *Jornal Hoje em Dia*^{xv} apresenta que:

Nesse período foram construídos recintos mais apropriados para oferecer melhores condições para os animais e segurança para os funcionários. O Zoológico passou a contar com um corpo técnico, que iniciou um trabalho de planejamento mais adequado para a manutenção do acervo. A aquisição e troca de animais passou a ser acompanhada por órgãos ambientais, seguindo um controle rígido das espécies e regras sanitárias. Desde então, o Zoo passou a participar de uma rede que lida com a conservação das espécies da fauna silvestre e que traça planos de manejo e diretrizes que são seguidas por entidades de conservação nacionais e internacionais.

Com a criação da Fundação Zoo-Botânica de Belo Horizonte^{xvi} o zoológico se vinculou a essa fundação e foi tombado pelo IPHAN^{xvii} como uma das atrações da Lagoa da Pampulha. Desde a criação do zoológico foram criados novos recintos e ampliação de outros. O Hospital Veterinário adaptou-se para melhorar o desenvolvimento da medicina preventiva e curativa, enquanto a centro de nutrição passou por uma reorganização para melhorar as condições alimentares dos animais^{xviii}. Além disso, foram criados também espaços para desenvolver atividades educativas, como Casa de Educação Ambiental, o Borboletário, a Zooboteca, o Jardim Japonês, o Aquário da Bacia do Rio São Francisco e a Casa de Répteis; foram reformados ainda a Praça das Aves, e a Praça dos Mamíferos.



O zoológico possui desde 1991 o Serviço de Educação Ambiental (SEA) o qual trabalha com a proposta de sensibilizar os turistas e visitantes para a convivência harmoniosa entre animais e plantas. Esse trabalho realiza principalmente projetos educativos para enriquecer o conhecimento do público em geral ou parceria com escolas. Parte da equipe do SEA localiza-se na Casa de Educação Ambiental, que foi construída em 1996. O espaço é equipado com auditório de capacidade para 60 pessoas, onde são realizadas palestras e seminários sobre educação ambiental. Juntamente com o SEA, a Zooboteca é um “espaço interativo que tem como objetivo levar as pessoas a conhecer a diversidade de vida existente no Planeta e contribuir para a sua conservação^{xxix}” ou seja, o Zoológico da Fundação de Parque Municipais e Zoobotânica de Belo Horizonte representa um centro de educação, pesquisa e lazer na capital mineira. Atualmente o zoológico deixou de entregar mapas impressos e conta com um aplicativo chamado “Zoobotânica BH^{xx}”, onde é possível ter acesso ao mapa do local, os horários para visitação, preço dos ingressos, além de dicas para visitar e acesso para agendamento de visitas de escolas. No aplicativo ainda é possível se conectar com o GPS do celular e dessa forma, o frequentador se localiza em tempo real dentro do zoológico.

Todavia, apesar de toda adaptação, reformulação e melhorias, há registros de algumas polêmicas envolvendo o nome do zoológico. Em 2015, uma matéria publicada pelo site Globo G1^{xxi} destaca o fato de mais de mil mortes de animais em três anos e, segundo a fonte, não se encontram mais girafas, leões e camelos no Zoo. O IBAMA relatou que foram cerca de 1.240 mortes no total de três anos e, somente no ano de 2015, foram pelo menos 211 mortes.

Em 2017, o Jornal Hoje em Dia^{xxii} apontou problemas com as estruturas dos elefantes e dos rinocerontes. O problema foi constatado após a visita de vereadores ao local, que identificaram falhas que estão causando prejuízo à qualidade de vida dos animais. Na mesma matéria ainda é apontada a falta de funcionários, em virtude de termino de contratos de trabalho e a não renovação.

A Rádio Itatiaia^{xxiii} em Belo Horizonte noticia a morte do gorila Kifta de 13 anos de idade, em 2016. Juntamente com esse relato, a matéria expõe o depoimento de alguns visitantes do local, onde um deles aponta problemas com os felinos, citando que observou os animais magros e desanimados, todavia, a direção do zoológico afirma que não existem maus tratos. O fato mais recente, em setembro de 2018, envolvendo o Zoológico de Belo Horizonte, foi noticiado pelo portal de notícias R7^{xxiv} que aponta reclamações de visitantes a respeito da falta de manutenção da estrutura. Dentre as reclamações estão a do aquário com infiltrações, lanchonete e borboletário danificados e a falta de animais em recintos onde os

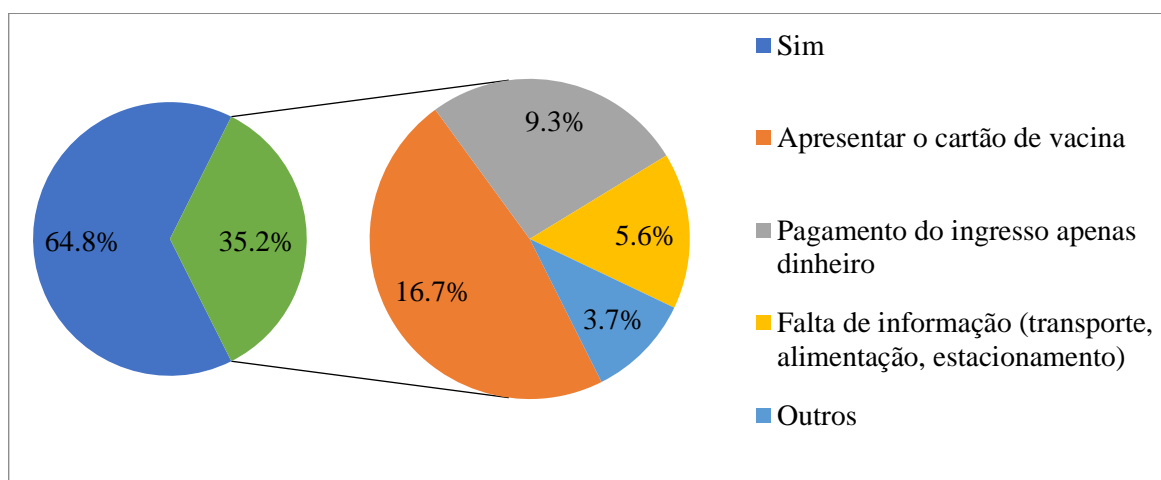


mesmos morreram, como o caso das girafas. Na reportagem, a administração ressalta a importância de se avaliar o retorno ou não da espécie para o zoológico, reforçando a ideia de que atualmente os Zoológicos devem priorizar o bem estar do animal antes de reaver uma nova atração.

RESULTADOS DA PESQUISA

Foram aplicados um total de 54 questionários, dentre a coleta presencial e *on-line*, onde cerca de 53,7% dos turistas e visitantes foram ao zoológico no máximo quatro vezes. Destes, uma pequena parcela de 35,2% afirmou que as informações obtidas antes da visita não foram suficientes para lhes preparar para a mesma, onde a maior reclamação (Gráfico 1) foi a falta de informação sobre a necessidade de levar o cartão de vacina (16,7%) seguido de reclamações relacionadas à portaria e forma de pagamento dos ingressos, sendo aceito somente em dinheiro (9,3%).

Gráfico 1 – O que o você conhecia sobre o zoológico lhe preparou pra visita?



Fonte: Elaboração própria (2018)

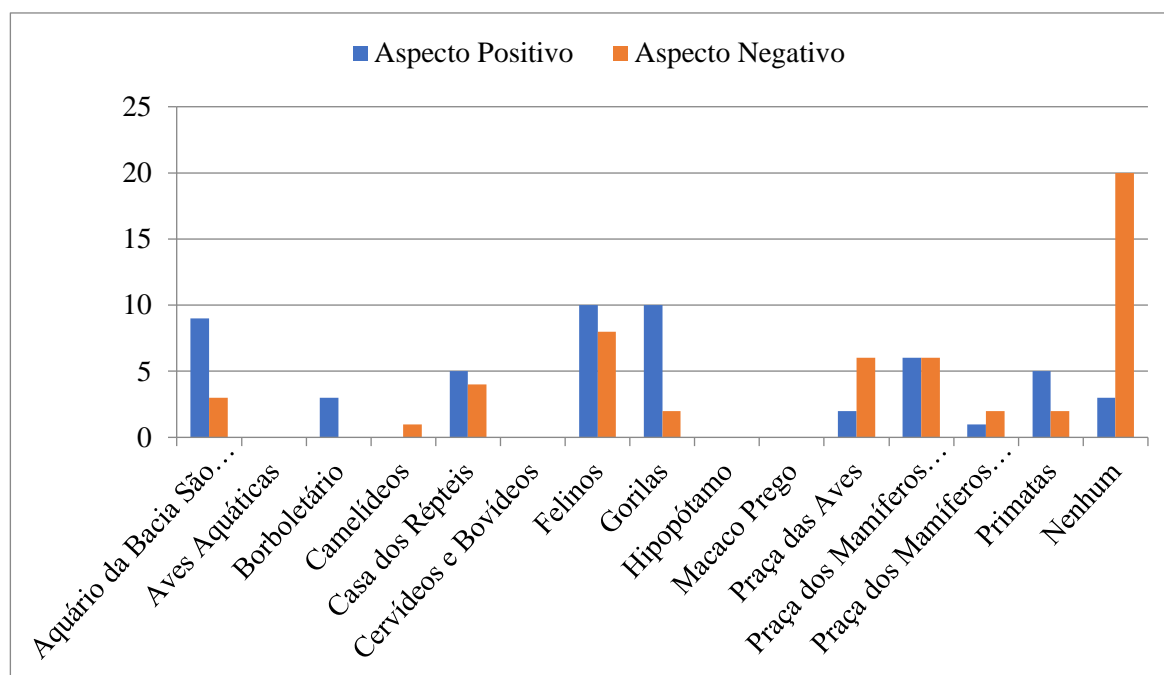
Os respondentes foram indagados acerca das principais motivações para a visita e, nesse questionamento, os mesmos podiam escolher até duas razões para responder. Tal pergunta se mostrou relevante para compreender se a visita ao zoológico acontecia com objetivo de ver os animais ou por outro(s) motivo(s). Foi possível identificar que as maiores motivações para a realização da visita se concentraram em ver os animais e passear com a família, ambas com 38 respostas, confirmando o fato de que o zoológico possui



uma vocação turística e de lazer, ou seja, representa uma área de preservação ambiental, um parque ecológico e uma área verde dentro da metrópole, sendo um dos atrativos preferidos e mais visitados pelos belo-horizontinos. Observa-se que uma das principais motivações para visitar o local concentrava-se em ver os animais. Os respondentes foram indagados a respeito de qual habitat mais lhes chamou a atenção, tanto no âmbito positivo quanto no âmbito negativo (Gráfico 2). Logo, os turistas e visitantes foram questionados acerca da razão por escolherem determinado local.

Identificou-se que os gorilas e felinos são os animais que mais chamaram a atenção de turistas e visitantes no aspecto positivo. Em contrapartida, foi possível observar que quase nenhum local chamou atenção no aspecto negativo. Foi possível observar também, que aves aquáticas, cervídeos e bovídeos, hipopótamo e macaco prego são os animais que não chamaram a atenção, nem em aspecto positivo, tampouco no aspecto negativo. Todavia, o borboletário chamou a atenção somente em aspecto positivo e os camelídeos chamaram atenção apenas em aspectos negativos.

Gráfico 2 -. Locais que chamaram atenção dos turistas e visitantes no aspecto positivo e negativo

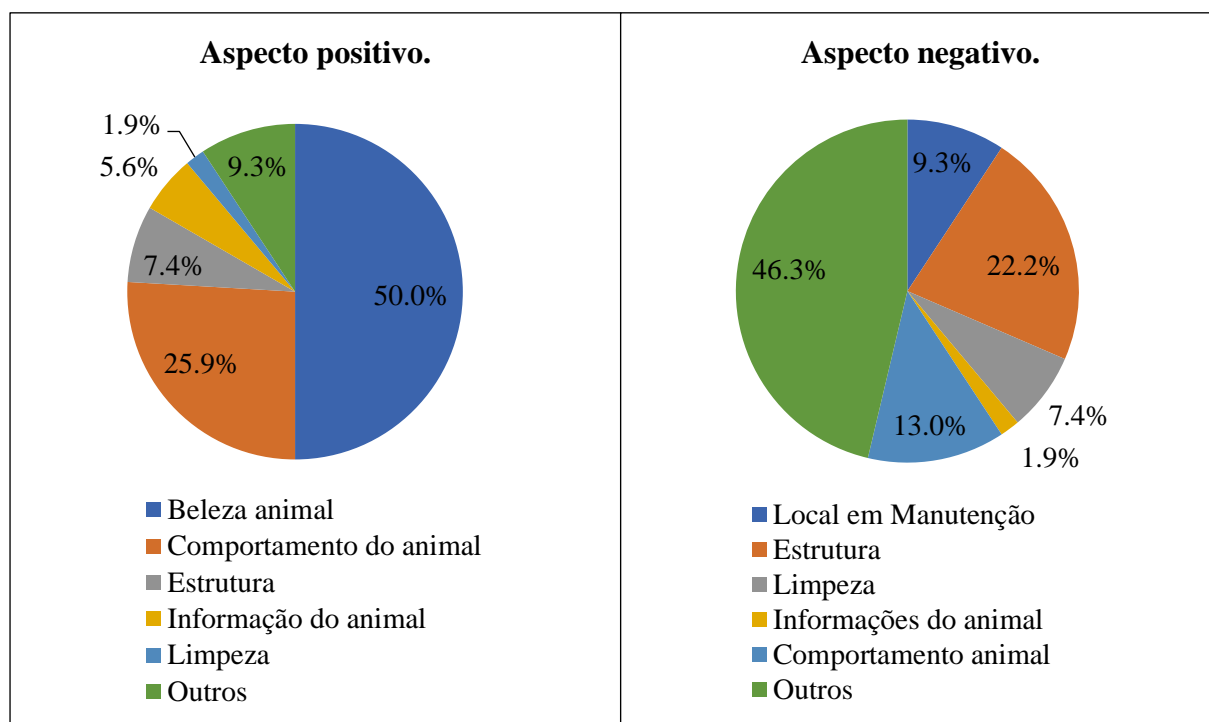


Fonte: Elaboração própria (2018)

Ao serem indagados acerca do motivo que despertou a atenção dos mesmos de maneira positiva ou negativa, cerca de 50% dos respondentes acredita que os animais chamam a atenção de forma positiva

devido a sua beleza (Gráfico 3). Para aproximadamente 25,9%, o motivo que chama a atenção é o comportamento animal. Outro ponto que se destaca é o fato de 5,6% dos respondentes avaliarem como característica positiva o fato do habitat possuir informações sobre o animal.

Gráfico 3 - Motivo pelo qual chamou atenção dos respondentes



Fonte: Elaboração própria (2018)

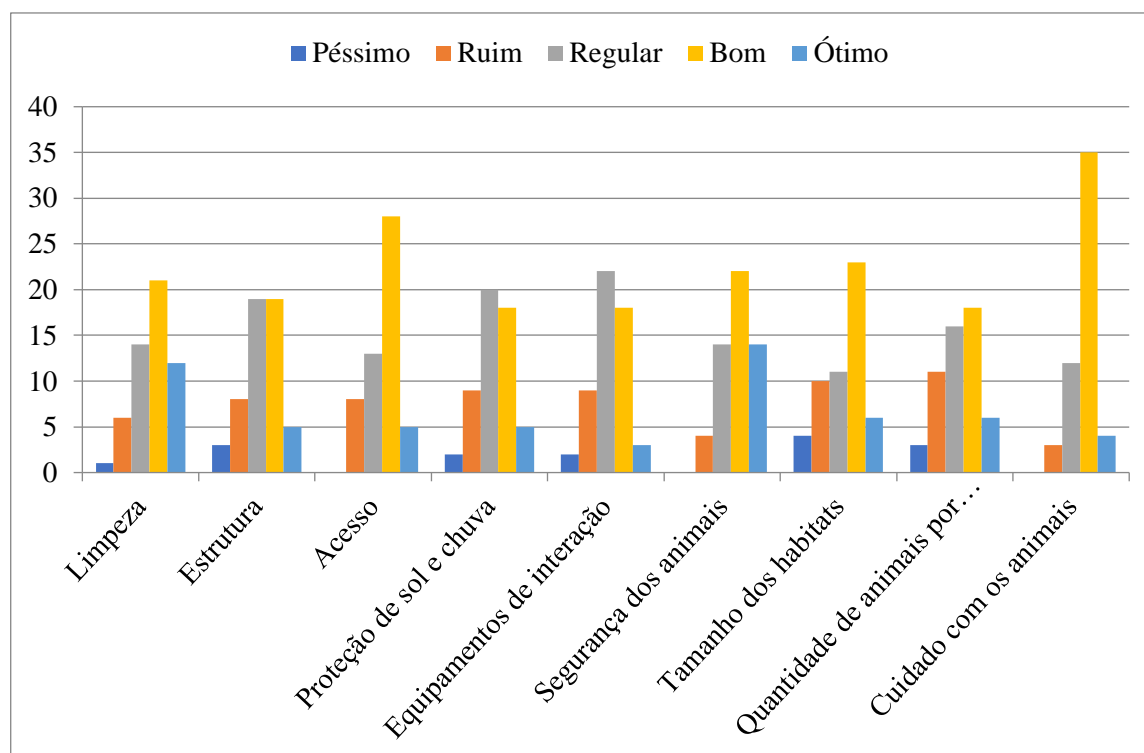
Quando se tratou de analisar quais os motivos que chamaram atenção negativamente (Gráfico 3), foram apresentadas as seguintes alternativas para os respondentes: local em manutenção, estrutura, limpeza, informações do animal, comportamento animal e outros. Porém, cabe destacar que a grande maioria afirmou que nenhum local lhes chamou atenção negativamente. Sendo assim, esse fator influenciou no questionamento dos motivos onde cerca de 46,3% dos respondentes assinalaram essa opção, já que a questão não possuía alternativas mais concretas. Cabe ainda aos motivos negativos o questionamento de porque nenhum local chamou atenção negativamente. Será que todos os locais possuíam algo de positivo? Nesse ponto do questionário foi indagado como eles consideravam as estruturas dos habitats e comportamento dos animais. Para avaliar as estruturas dos habitats (Gráfico 4), foi solicitado aos respondentes que avaliassem cada item como péssimo, ruim, regular, bom ou ótimo.



A partir da avaliação, observou-se que ao se tratar de limpeza, acesso, segurança dos animais (distâncias destes para o público), tamanho dos habitats e quantidade por habitat, a maioria considerou bom, porém, nesse quesito, foi possível identificar diversas opiniões sobre a falta de distribuição dos animais nos habitats. A respeito da estrutura, é possível verificar que as percepções ficaram divididas entre regular e bom, deixando assim o item empatado. Já em relação a proteção dos animais de sol e chuva ou equipamentos de interação para eles, a maioria considerou regular.

Observou-se que nenhum item teve avaliação totalmente positiva, com prevalectimento de avaliações boas e ótimas, ou avaliação totalmente negativa, com prevalectimento de avaliações péssimas e ruins. Todos os itens avaliados contaram tanto com avaliações positivas, quanto negativas. Entretanto, foi questionou-se ainda para os visitantes e turistas de forma mais ampla como eles consideram o cuidado do zoológico com os animais e, para a maioria dos respondentes, o zoológico cuida bem dos mesmos. Sendo assim, foi a categoria que se ressaltou, predominando a avaliação boa.

Gráfico 4 - Avaliação dos habitats dos animais pelos respondentes



Fonte: Elaboração própria (2018)



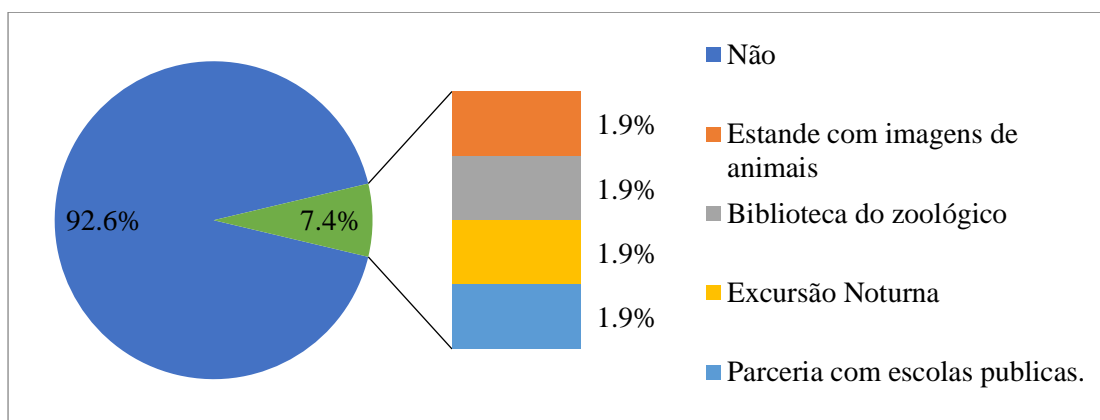
Indagou-se a respeito do comportamento animal, onde cada entrevistado poderia opinar em até três comportamentos entre alegres, ativos, curiosos, normal, parados, preguiçosos e tristes. A maioria das pessoas afirmou que considera os animais parados, normais e preguiçosos.

Esse comportamento de parados ou preguiçosos se relaciona com a pouca disponibilidade de equipamentos de interação (Gráfico 4) dentro dos habitats dos animais, ocasionando assim tais comportamentos, corroborando com a afirmação da ANDA (2018) a respeito do comportamento animal em zoológicos. De fato, só é possível verificar objetos de estímulo nos ambientes dos primatas, gorilas e macaco prego.

Como uma das principais motivações para visitar o zoológico é ver os animais, foi perguntado aos respondentes se eles já visitaram outros zoológicos. Em caso afirmativo, foi questionado também quais zoológicos os turistas e visitantes já foram e qual a comparação com o Jardim Zoológico de Belo Horizonte. Dos respondentes somente cerca de 31,5% visitaram outros zoológicos, tais como os zoológicos de Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Pará, Goiânia e Volta Redonda no Brasil, e Florida (EUA), Gaia (Portugal), Lille (França), Melbourne (Australia), Lujan (Argentina) e Toronto (Canada) pelo mundo. Dos respondentes que já foram a outros zoológicos, 41,2% considera o Zoológico de Belo Horizonte pior do que os outros zoológicos visitados. Alguns comentaram principalmente sobre a estrutura geral de outros ser melhor.

No final do questionário foi indagado aos visitantes e turistas se eles conheciam algum tipo de programa que o zoológico promove (Gráfico 5) e cerca de 92,6% afirmaram não conhecer nenhum programa. Dos 7,4% que conhecem outros programas foram citados um estande com imagens de animais para conscientizar as crianças dos cuidados que se deve ter, a biblioteca com materiais sobre animais do zoológico, um programa de excursão noturna e a parceria que o zoológico possui com escolas públicas.

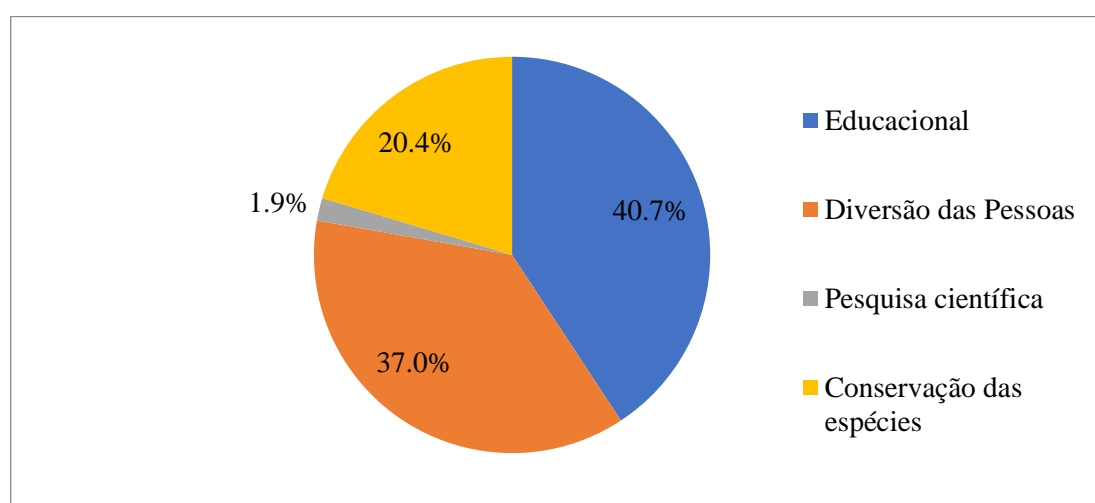
Gráfico 5 - Relação de respondentes que conhecem ou não algum programa do zoológico



Fonte: Elaboração própria (2018)

Como citado por Sanders e Feijó (2007), os zoológicos passaram a ter outros objetivos do que somente exibirem animais. Já Jamieson (2008) afirma que existem quatro motivos para a existência desses equipamentos: diversão, educação, pesquisa científica e preservação de espécies. Sendo assim, foi perguntado aos turistas e visitantes qual é a opinião deles em relação ao principal objetivo do zoológico (Gráfico 6). Dessa forma, cerca de 40,7% dos respondentes acreditam que o zoológico é um local educacional, onde as pessoas vão para aprender sobre os animais e somente 1,9% acredita que os zoológicos são lugares para pesquisa científica.

Gráfico 6 - Opinião dos respondentes sobre o principal objetivo do zoológico



Fonte: Elaboração própria (2018)



Com base na análise de dados da pesquisa, foi possível observar que turistas e visitantes se dirigem ao zoológico para realizarem atividades com a família, bem como ver os animais. Os motivos que mais os fazem apreciar uma espécie ou outra é a beleza, em seguida o seu comportamento, e a grande maioria não vê características negativas em nenhum animal. Para os respondentes, o zoológico além de um lugar de passeio é um local que apresenta a possibilidade de aprender um pouco mais sobre a fauna e replicar o conhecimento para as pessoas próximas.

Contudo, para os poucos respondentes que visitaram outros zoológicos, a maioria enxerga o Zoo de Belo Horizonte como pior do que os demais, com destaque, principalmente, para a característica da estrutura. O zoológico por sua vez, aparenta possuir alguns programas para envolver mais o público com a natureza, porém estes não atingem com sucesso os visitantes e turistas. Foi possível notar esse fator por meio dos relatos obtidos na coleta, onde 92,6% dos respondentes desconhecia tais propostas.

O final do questionário possuiu um espaço dedicado a comentários ou sugestões a respeito do Jardim Zoológico de Belo Horizonte. Dos 54 questionários aplicados, foram contabilizados 35 comentários, caracterizando um percentual de cerca de 63% dos respondentes que utilizaram a área destinada a comentários.

A partir dos comentários foi possível compreender o que o turista e visitante espera do zoológico e o que pode ser melhorado, para então retornar em uma próxima visita. Estes foram separados em quatro categorias: estrutura, animais, preços e outros. Ao que compete a categoria de estrutura, estão as áreas de alimentação e lazer, sinalização, limpeza e manutenção; a categoria de animais contempla comentários a respeito da estrutura e tamanho dos habitats, bem como cuidados com os mesmos, reposição, variedade e quantidade de espécies por habitat e interação com outros animais; a categoria de preço envolve os comentários a respeito de sugestões de promoções, bem como sugestões de não pagar ingresso para certas áreas, dias ou categorias de público; por fim a categoria outros envolve outras sugestões.

A maioria dos comentários postados pelos participantes da pesquisa (47,6%) foram a respeito dos animais nos zoológicos. Destes, grande parte afirmou que deveriam aumentar a quantidade e/ou a variedade de espécies (34,6%). Na sequência, foi possível observar comentários acerca das estruturas dos habitats (19,2%), porém em nenhum dos comentários houve alguma sugestão na forma de melhora.



Foi possível conectar os comentários a respeito da melhora dos habitats e tamanho dos mesmos, pois cerca de 15,4% dos relatos foram relacionados a essa temática, aliado a má distribuição dos animais, segundo fala de alguns respondentes:

Deveriam redistribuir melhor os animais, algumas aves de grande porte estão em ambientes muito pequenos, outros espaços possuem uma grande variedade em pouco espaço. Existe ainda habitats muito grandes com poucos animais, como no caso do rinoceronte, leão, zebra e toda a parte de cervos. É necessário repensar sobre a quantidade de animais no espaço, ora aparenta ter poucos no ambiente, ora aparenta ter demais (Entrevistado 12, 2018).

Adequar quantidade de animais por habitats e disponibilizar mais mapas (Entrevistado 19, 2018). Os animais deveriam ser melhor tratados, com espaços maiores. (Entrevistado 21, 2018).

Logo após os comentários de estrutura e tamanho dos habitats, foi possível observar outro ponto relevante: a falta de reposição de animais. Cerca de 19,2% afirmou que o zoológico deve repor os faltam ou que morreram, sobretudo após as mortes que ocorreram em 2015. O animal que os respondentes mais sentiram falta foi a girafa e foi possível encontrar diversos comentários como: “Repor a girafa e colocar mais animais nos habitats” (Entrevistado 27, 2018) e “Necessário repor a girafa” (Entrevistado 31, 2018).

Por fim, alguns respondentes destacaram a necessidade de possuir maior cuidado com os animais (7,7%), prestando a atenção nas necessidades deles, como “Acho que deveria cuidar mais dos animais e limpar os ambientes” (Entrevistado 15, 2018); “Não tinha muitos animais, os que tinham estavam tentando se esconder do sol por que a casa é pequena” (Entrevistado 28, 2018).

Em relação a estrutura do zoológico, cerca de 31% dos respondentes relatou algo associado à estrutura, desde comentários a respeito do restaurante como “Melhorar a estrutura do restaurante para os turistas e visitantes” (Entrevistado 49, 2018), até comentários como melhorar a sinalização, limpeza e acesso aos habitats e dicas sobre os bebedouros: “Levem água, os bebedouros geralmente estão estragados” (Entrevistado 33, 2018).

Houve também diversos comentários a respeito dos preços cobrados à parte para ter acesso ao Aquário da Bacia do Rio São Francisco (9,5%), que apesar de fazer parte do zoológico, se cobre um valor de entrada separado para visita-lo. O comentário mais reiterado foi “Não pagar a mais ingresso para visitar o aquário” (Entrevistado 42, 2018).

Na categoria de outros comentários, 11,9% dos respondentes apresentaram dicas para os próximos visitantes e turistas, bem como sugestões para administração desenvolver melhor o local.



“Vale muito a pena passear lá, principalmente se houver crianças, pois é um dia diferente, mas aconselhável levar um lençol para sentar ou deitar na sombra pra descansar um pouco” (Entrevistado 51, 2018). Talvez criar um ticket único junto a outro atrativo da região pra chamar mais visitantes, ter mais parceiros para divulgação e agendamento de visitas, parcerias com eventos também é uma boa ideia. Ter mais claro o acesso via transporte público, sobre as entradas (Entrevistado 50, 2018).

Houve também comentários contra a exigência do zoológico: “Que as pessoas não frequentem. Zoológicos são espaços mercantis que utilizam os animais para vender e os maltratam muito” (Entrevistado 54, 2018), onde o autor do comentário acredita que não devam existir tais equipamentos.

A partir da análise dos comentários foi possível compreender que o fator que mais chamou a atenção é a preocupação dos respondentes em relação a existência de animais diferentes para ver, bem como a preocupação para com o bem estar dos mesmos, que estejam em locais e quantidade adequados ao habitat.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa foi possível observar que existem diversos tipos de usos de animais os quais são benéficos para o mercado turístico, seja o passeio em elefantes, fotos com tigres, ou observação de baleias. Foi discutido ao longo do trabalho que alguns dos tipos de uso não se importam com o bem estar dos animais, como já citado por Sanders e Feijó (2007). Ademais, foi abordado que seus usos podem ser divididos em seis categorias, interação, espetáculos, tradição, observação, *souvenires* e cativeiro.

Cada categoria pode oferecer alguns riscos tanto para o turista e visitante quanto para o animal, sejam doenças de contato ou treinamentos brutos e dolorosos; provocação da dor em apresentação pública; interferir no meio da alimentação e reprodução; captura de espécies ainda vivos para convecção de chaveiros; manutenção em ambientes artificiais expostos ao público.

Foi possível perceber que o zoológico de BH possui algumas questões potenciais a serem melhoradas. As discussões apresentadas envolveram o bem estar dos animais ou problemas de estruturas, o que pode causar uma má impressão aos visitantes e turistas.

Buscou-se compreender através da pesquisa, se os animais de zoológico se encontram em condições de vida precária, privados de suas necessidades e comportamentos, além de expostos em ambientes sem estímulo e artificiais. Segundos os respondentes, ao contrário do que a ANDA (2018) afirma, os mesmos não enxergaram os animais em qualidade de vida ruim. Porém, a maioria afirma que os mesmos se



encontram ou parados ou preguiçosos, podendo confirmar o argumento da ANDA (2018), onde os animais não possuem muito estímulo.

Um dos principais comentários em relação aos animais foi sobre a quantidade e distribuição destes no zoológico, onde se tem pouca variedade ou ainda, por alguns habitats possuírem muitas espécies e outros poucas. Sendo assim, como já citado por Sanders e Feijó (2007), atualmente um dos principais objetivos dos zoológicos é considerar o bem estar do animal em primeiro lugar. Para o zoológico de BH percebemos através da pesquisa aplicada, que é necessário que sejam reestruturados alguns locais, precisando readequar a quantidade de espécies por habitat e, em outros casos, aumentar o local que alguns animais ficam e melhorar a proteção de sol e chuva de alguns recintos.

No que concerne o campo do turismo, Brumatti (2013) afirma que se trata de uma das atividades que mais gera retorno financeiro, da mesma forma que é capaz de mobilizar diversas pessoas diferentes a irem para um mesmo local. Desse modo um destino turístico pode impactar a vida de diversas pessoas.

Em situações onde a administração do zoológico é responsável por levar ou indicar alguma atividade para os turistas e visitantes realizarem que envolva o uso de animais, torna-se relevante se certificar como estes são tratados e em quais condições vivem para que não ocorra fomento de mercados que prejudiquem a fauna ou a flora. Como afirma Brumatti (2013), é papel do profissional do turismo compreender as importâncias econômicas e ambientais que a atividade desenvolve, bem como estar consciente dos impactos que as práticas podem causar no meio ambiente e desenvolver os princípios sustentáveis para tal e, juntamente com outros profissionais de demais áreas (biólogos e veterinários), sugerir ações de melhoria para esses atrativos turísticos.

Sendo assim, cabe sobretudo aos gestores de tais equipamentos públicos ampliar as oportunidades de se conhecer algum lugar novo, tendo a consciência e a preocupação com a sustentabilidade da natureza, onde a atividade do turismo não gere impactos negativos ao meio ambiente, compreendendo que a atuação deve priorizar a melhoria das estruturas de um atrativo turístico, tanto para os visitantes e turistas quanto para os animais que participam do atrativo.

Em termos de limitações, destaca-se o fato de que houve diversas tentativas de contato com a administração do zoológico, para aprofundar conhecimentos e informações, porém não se obteve retorno. Como sugestão para futuros trabalhos, recomenda-se realizar um estudo comparativo entre distintos equipamentos que utilizem animais para atrair o público. Ou ainda, como foi possível observar que alguns respondentes consideraram outros zoológicos melhores que o de Belo Horizonte, sugere-se verificar quais



são esses zoológicos e se possível realizar um comparativo para fins de se obter uma avaliação mais completa, contribuindo assim para realçar e reforçar o referencial existente. Ademais, ouvir a percepção dos gestores de tais equipamentos também seria enriquecedor.

Por fim esse trabalho buscou auxiliar aos profissionais da área de turismo a compreender atrações turísticas como um dos principais motivadores para o público e como lidar melhor com atrações que envolvem animais. Sendo assim, cabe ao profissional e ao pesquisador discutir e refletir formas de realizar a atividade turística sem prejudicar a fauna. O estudo também contribuiu para construção de referencial e reflexão à temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDA - Agência de Notícias de Direitos Animais. Por um turismo responsável (2018). O turismo e seu impacto sobre os animais. [20--]. Cartilha online disponível em <https://www.A.N.D.A..jor.br/wp-content/themes/A.N.D.A.2012/downloads/turismo_responsavel.pdf>, Acesso em 30 de maio de 2018.
- Brito, A. G. (2012). O Jardim Zoológico enquanto espaço não formal para promoção do desenvolvimento de etapas do raciocínio científico (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Brito, B. R. (2003). O Turista e o Viajante: Contributos para a conceptualização do Turismo e Responsável. Anais do IV Congresso Português de sociologia, Coimbra, Portugal. Recuperado de <https://bit.ly/2MkQJVP>
- Brumatti, P. N. M. (2008). Análise das potencialidades do desenvolvimento sustentável do turismo de observação de baleias, WhaleWatching, na costa da Bahia, Brasil. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil.
- Brumatti, P. N. M. (2013). O papel do turismo de observação da vida selvagem para a conservação da natureza. In Revista Brasileira de Ecoturismo v.6, n.4, Anais do IX Congresso Nacional de Ecoturismo e do V Encontro Interdisciplinar de Turismo em Unidades de Conservação, pp.191-206. São Paulo, Brasil.
- Chalfun, M. (2008). Animais, manifestações culturais e entretenimento, lazer ou sofrimento? Anais do Congresso Mundial de Bioética e direito animal, 1, Salvador, Brasil. Recuperado de <https://bit.ly/3byeGRT>
- Chehin, M. M. (2015). Atrativos Turísticos que Utilizam Animais como Entretenimento: A Influência da Informação Ambiental no Comportamento Sustentável (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, RJ, Brasil.
- Dias, J. L. C. (2003). Zoológicos e a pesquisa científica. O Biológico, São Paulo, v. 65, n. 1/2, p. 127-128, jan./dez.



- Dias, R. (2011). A biodiversidade como atrativo turístico: o caso do Turismo de Observação de Aves no município de Ubatuba (SP). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v.4, n.1, pp.111-122.
- Franco, B. S. (2011). Manifestações culturais versus meio ambiente natural: No caso concreto – Utilização de animais em espetáculos circenses (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, Tubarão, SC, Brasil.
- Garcia, V. A. R.; Marandino, M. (2008). Zoológicos: que mensagem estamos passando? In M. Lozano, & C. S. Mora (Orgs.), *Evaluando la comunicación de la ciencia: Una perspectiva latino americana* (CYTED, AECI, DGDC-UNAM, p. 83-94). México, D.F.
- Jamieson, D. *Contra Zoológicos*. (2018). *Revista Brasileira de Direito Animal*. v. 3, n. 4. 2008. P. 51- 62. Recuperado de <https://bit.ly/3bGLiS>
- Martins, M. C. (2012). Educação e ambiente: a relação entre humanos e não humanos em zoológicos urbanos (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação - PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Mayer, V. F.; Haikal, F. W.; Lenziardi, R. (2020). Eles se importam? Percepções de turistas e visitantes sobre a exploração animal em atrativos turísticos. In *Revista Hospitalidade*. São Paulo, volume 17, n.03, p. 1-24.
- Oliveira, D. G. R. (2007). Impactos da visitação turística sobre animais em áreas naturais. (Monografia de Especialização). Universidade de Brasília, Curso de Especialização em Turismo e Desenvolvimento Sustentável, Brasília.
- Sanders, A., Feijó, A. G. S. (2007). Uma reflexão sobre animais selvagens cativos em zoológicos na sociedade atual. In *Anais do III Congresso Internacional Transdisciplinar Ambiente e Direito - III CITAD*, Porto Alegre, PUCRS, Brasil.
- Tuglio, V. (2006). Espetáculos públicos e exibição de animais. *Revista Brasileira de Direito Animal*. Salvador. v.1, n.1, p. 231-247.

Nota - Trabalho apresentado no XVII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo (ANPTUR) no ano de 2020.

INFORMAÇÕES DO (S) AUTOR (ES)

i **ALISSANDRA NAZARETH DE CARVALHO** - Doutorado em Geografia pelo Programa de Geografia Humana da UNESP Rio Claro. Professora da Universidade Federal de Ouro Preto e Diretora da Escola de Direito, Turismo e Museologia - EDTM / UFOP.
E-mail: alissandra@ufop.edu.br

ii **ANA CAROLINA MARCHETTE MARINHO** – Bacharela em Turismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Pós-graduanda em Gestão de Pessoas, Liderança, Inovação e Mercado pelas Faculdades Febracis.
E-mail: ana.marchette@aluno.ufop.edu.br

SITES CONSULTADOS

- iii Alto Astral. Animais na telona: 5 filmes em que os bichinhos são as estrelas (2017). Recuperado de <https://www.altoastral.com.br/5-filmes-animais-estrelas/>, 30 de junho, 2018.
- iv Nos Bastidores. Lista: Os 10 melhores confrontos de Game Of Thrones (2017). Recuperado de <https://nosbastidores.com.br/lista-10-melhores-confrontos-de-game-of-thrones/>, 30 de junho, 2018.
- v Estrelando. No dia dos animais lembre aqueles que já viraram estrelas nas novelas (2018). Recuperado de <https://www.estrelando.com.br/foto/2018/03/14/no-dia-dos-animais-relembre-aqueles-que-ja-viraram-estrelas-nas-novelas-20187/foto-7>, 30 de junho, 2018.
- vi The Body Shop. Beleza do mundo. Vasto Mundo: 6 documentários incríveis para se encantar com o mundo animal (2017). Recuperado de <https://www.thebodyshop.com.br/beleza-do-mundo/6-documentarios-incriveis-para-se-encantar-com-o-mundo-anim/>, 30 de junho, 2018.
- vii Mundo Estranho. Por que os gatos eram sagrados para os egípcios. Recuperado de <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-os-gatos-eram-sagrados-para-os-egipcios/>. 23 de janeiro, 2021).
- viii História. O que há de novo no passado. Recuperado de <https://super.abril.com.br/historia/>. 23 de janeiro, 2021.
- ix Instituto Luisa Mell. Recuperado de <https://ilm.org.br/> em 30 de maio, 2018.
- x Zoo Lujan. Recuperado de <https://www.zoolujan.com/> em 10 de janeiro, 2018.
- xi Sea World. Recuperado de (<https://www.seaworldparks.com.br/> 05 de janeiro, 2018.
- xii Descubra Minas Gerais. Recuperado de <http://www.descubraminas.com.br/Turismo/DestinoAtrativoPagina>. em 10 de janeiro, 2018.
- xiii ANDA. Recuperado de <https://www.anda.jor.br/>, em 26 de janeiro, 2018.
- xiv World Animal Protection. Recuperado de <https://www.worldanimalprotection.org/> em 10 de janeiro, 2018.
- xv JORNAL HOJE EM DIA. Jardim Zoológico de Belo Horizonte completa 58 anos. Recuperado de <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/jardim-zoológico-de-belo-horizonte-completa-58-anos-1.441997> em 02 de maio, 2018.
- xvi Fundação Zôo Botânica de Belo Horizonte. Recuperado de (<https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-de-parques-e-zoobotanica>, em 25 maio 2018.
- xvii IPHAM. Monumentos Tombados e Obras de Arte – Conjunto Moderno da Pampulha. Recuperado de <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1653/> em 23 de janeiro, 2021.
- xviii Jornal Hoje em Dia. Jardim Zoológico de Belo Horizonte completa 58 anos. Recuperado de <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/jardim-zoológico-de-belo-horizonte-completa-58-anos-1.441997> em 02 de maio, 2018)
- xix Prefeitura de Belo Horizonte. Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica. Recuperado de <https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-de-parques-e-zoobotanica>, em 04 de abril, 2018.
- xx Prefeitura de Belo Horizonte. Fundação Zoobotânica lança aplicativo para smarphones. Recuperado de <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/fundacao-zoo-botanica-lanca-aplicativo-para-smartphones> em 25 maio 2018.
- xxi Globo. G1 Minas Gerais. Em três anos, cerca de mil animais do zoológico morrem em Belo Horizonte. Recuperado de <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/12/em-tres-anos-cerca-de-mil-animais-do-zoologico-morrem-em-belo-horizonte.html> em 05 de setembro, 2018)
- xxii Jornal Hoje em Dia. Elefantes e Rinocerontes sofrem com problemas estruturais do Zoológico de Belo Horizonte. Recuperado de <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/cidades/elefantes-e-rinocerontes-sofrem-com-problemas-estruturais-do-zoológico-de-bh-1.460637> em 02 de maio, 2018.
- xxiii Radio Itatiaia. Gorila morre no Zoológico de Belo Horizonte e administração nega maus tratos dos animais. Recuperado de <https://www.itatiaia.com.br/noticia/morre-mais-um-gorila-no-zoologico-de-bh-e-administracao-nega-maus-tratos-de-animais> em 05 maio 2018.



^{xxiv} R7. Visitantes reclamam de falta de manutenção do Zoológico de Belo Horizonte. Recuperado de <https://noticias.r7.com/minas-gerais/mg-record/videos/visitantes-reclamam-de-falta-de-manutencao-do-zoologico-de-bh-23082018>, em 05 de setembro, 2018.